
JOANA D'ARC: A FIGURA DA MULHER NOS TEMPOS DE GUERRA:
FRANÇA E INGLATERRA DO SÉCULO XV

JOANA D'ARC: THE FIGURE OF WOMEN IN TIMES OF WAR:
FRANCE AND ENGLAND IN THE 15TH CENTUR

Tatiana Ribeiro Besada Rodrigues

Especialista em História Antiga e Medieval pelo Mosteiro de São Bento (RJ),
Graduada em História pela Faculdade Unyleya

Resumo: O presente artigo tem como objetivo buscar a visão da mulher medieval, tendo como figura central a personagem de Joana D'Arc e seu posicionamento perante a Guerra dos Cem Anos. Trazendo um olhar sobre a heroína e santa francesa e levantando questionamentos sobre a construção de sua imagem sobre a população e os embates em que Joana D'Arc vivenciou; contrapondo com questões que embasavam a sociedade medieval como religião e poder e a construção da mulher em tempos de guerra. Após grandes contribuições favorecendo o rei da França que auxiliam para o fim a uma guerra que se perpetuou por anos, Joana é capturada pelos Ingleses e sofre um processo de Inquisição sendo sentenciada como bruxa.

Palavras-chave: Mulher Medieval. Poder. Religião. Aristocracia. Joana D'Arc. Julgamento. Bruxa

Abstract: This article aims to seek the vision of medieval women, having as a central figure the character of Joana D'Arc and her position before the Hundred Years War. Bringing a look at the French heroine and saint and raising questions about the construction of her image about the population and the clashes in which Joana D'Arc experienced; contrasting with issues that supported medieval society as religion and power and the construction of women in times of war. After great contributions favoring the king of France who help to end a war that has perpetuated for years, Joan is captured by the British and undergoes an Inquisition process being sentenced as a witch.

Keywords: Medieval Woman. Power. Religion. Aristocracy. Joana D'arc. Judgment. Witch

1 Introdução

A Idade Média foi um período conhecido pela sua estruturação social e religiosa, tendo aspectos marcados pela construção de uma unidade cristã, cujo seus ensinamentos e crenças seriam difundidos pelo mundo e presentes até os dias atuais.

A relação de poder sempre esteve presente dentro das sociedades, inseridos também em âmbitos religiosos, nas quais, contribuiriam para construção dessa medievalidade, tendo como um de seus elementos o Tribunal da Santa Inquisição.

A heresia era uma das principais formas de julgamento deste tribunal eclesiástico; tudo que se colocava em oposição aos dogmas da Igreja tinha que ser avaliado. Sua normatização ortodoxa estava tão atrelada ao contexto político, que não havia como observá-los separadamente.

Em um universo que trazia muitas incertezas, vemos surgir uma guerra devido à linha sucessória entre a França e Inglaterra, denominada como a Guerra dos Cem Anos. Dentro deste contexto incerto entre os países, em que ainda não tinha uma delimitação adequada e um sentimento de patriotismo; temos uma jovem que trazia suas convicções religiosas ao ponto de ir até o fim de sua vida em nome daquilo que acreditava.

Em um tempo em que uma das maiores marcas da Igreja foi à imposição sobre a figura da mulher tendo como premissa seus comportamentos; tidos muitas vezes como levianos ou atos de bruxaria; temos Joana D'Arc como uma das principais representações da Guerra dos Cem Anos, cuja a construção de sua imagem ia além de uma simples camponesa e uma jovem cheia de fé, sendo vista como uma santa e guerreira, e, anos mais tarde se tornaria a padroeira da França, sendo uma das mulheres mais marcantes do seu tempo.

Sua vida foi uma das mais bem documentadas dentro da Idade Média, composta por relatos e documentações de seu julgamento, contribuindo para a formação de sua imagem na História e embasando a ótica em relação a uma construção feminina inserida nessa Baixa Idade Média.

2 A Mulher Medieval

Dentro da Idade Média, a relação de poder entre as duas esferas, tanto política tanto como religiosa, foi se perpetuando através de um interesse mútuo entre eclesiásticos e a aristocracia, como forma de uma administração social e um controle sobre a população. Após sua ruptura com a Antiguidade, representada religiosamente pelo seu paganismo; vemos o mundo antigo dando vez ao mundo medieval, unificando sua estruturação religiosa e surgindo em sua materialidade a Igreja.

O homem medieval estava ligado diretamente com a religiosidade, seu cotidiano estava inserido nessa mística que já provinha desde a antiguidade. Suas estruturações sociais respaldadas em incertezas e crenças no desconhecido traziam um cenário de

vulnerabilidade. Uma nova religiosidade sendo instaurada, que se entrelaçava com particularidades pagãs e traçava os moldes de vida e de pensamento de cada cidadão.

O mundo para os homens do Ocidente medieval tinha um caráter ameaçador e inseguro: uma natureza da qual dependiam, em regra hostil, mas que não era explicada cientificamente; doenças que não sabiam combater; a presença quase constante da fome e da carestia; o medo do desconhecido. Por isso, o mundo sobrenatural adquiriu uma força significativa nesta sociedade, onde o universo era visto como funcionando a partir da ação das forças do bem e do mal. Ou seja, Deus e o diabo estavam em todas as partes, em todas as manifestações concretas da vida: as boas dádivas – colheitas fartas, clima favorável às plantações, fertilidade da terra, vitórias em guerras – eram signos da presença divina atuando. (CALAINHO,2014 p.113)

A Igreja foi se formando dentro de sua aristocracia, buscando a manutenção de vários aspectos atrelados ao cristianismo, a fim de que a Igreja e sua ortodoxia se perpetuassem. O cristianismo foi fundamental para tecer uma mudança na civilização e nos moldes de hierarquia e poder entre o povo e aqueles que os ordenavam.

Com a consolidação da Igreja e seus Concílios, todo o meio social, principalmente o feminino, era elemento de discursão tanto das esferas políticas e religiosas. (LE GOFF.2016. Introdução) nos apresenta tais fatos: “(...) Mas é preciso ter em conta que o cristianismo funciona então em dois níveis: como ideologia dominante apoiada por um poder temporal considerável e como religião propriamente dita. Ignorar um ou outro desses papéis levaria à incompreensão e ao erro (...)”, e o autor acrescenta como esse poder se tornaria objeto de medo: “(...) a consciência mais ou menos clara que a Igreja tem da contestação de seu papel ideológico leva-a ao endurecimento que se expressará pela caça às bruxas e, mais geralmente, pela difusão do cristianismo do medo (...)”.

A apropriação que o homem e a igreja tinham sobre a figura da mulher, era definida dentro de um contexto de uma narrativa bíblica que a dividia em três momentos: A mulher nasce pecadora, como Eva, depois a mulher se torna Maria Madalena, a pecadora arrependida e que busca viver uma vida santa; e depois, a mulher vira Maria, mãe de Jesus, que se torna pura, deixando o seu passado e sua origem para trás, vivendo de acordo com os ensinamentos cristãos.

(...) a mulher ideal concebida pelo mundo medieval estava simbolizada na Virgem Maria, uma figura humano-divina que concebeu sem nunca ter tido uma relação sexual, mantendo-se pura sujeita aos desígnios de Deus e reconhecida como sua colaboradora, diferentemente de Eva, mulher que não soube conservar sua posição na ordem estabelecida pelo Criador se rebelando, desejando ser o que não podia, um entrave a ordem estabelecida até então.(...) (Navarro, André. Artigo: A Construção do Corpo Feminino (Identidade Corporal) Medieval Mediado pela Experiência Religiosa)

É pelo Tribunal da Santa Inquisição, no século XIII, que as heresias ganham maiores proporções e o que estava em voga era mais uma Justiça que tinha sua função disciplinar do que judiciária, trazendo regras que serviriam para atender as suas necessidades. A confissão

do réu era de grande importância para fim e que tivesse um arrependimento. Os inquisidores criaram uma estrutura de autoridades que desse respaldo em suas ações, que tinham desde auxiliares, escrivas e conselheiros; além da elaboração de manuais com cada heresia caracterizada e os seus fundamentos.

Malleus Maleficarum foi um dos mais famosos livros escrito por inquisidores entre 1486 – 1487 por Heinrich Kraemer e James Sprenger, na Alemanha, em cumprimento à bula papal *Summis Desiderantis Affectibus* de Inocêncio VIII, que os autorizava criar um manual de combate aos praticantes de heresias e que veio a se tornar o guia dos inquisidores pelo restante do século XV e seguintes séculos. O livro está dividido em três partes:

Parte I - Das três condições necessárias para a bruxaria: o Diabo, a bruxa e a permissão de Deus Todo – Poderoso.

Parte II – Dos métodos pelos quais se infligem os malefícios e de que modo podem se curados

Parte III – Que trata das medidas judiciais no Tribunal Eclesiástico e no Civil a serem tomadas contra as bruxas e também contra todos os hereges.

Em um contexto em que ocorriam muitas epidemias, pobreza, guerras e superstições, a Igreja se fez necessária, e com ela, surge uma maior perseguição sobre a mulher, atribuindo suas práticas a uma caça às bruxas. Qualquer comportamento que fugisse a “normalidade” era tido como heresia.

Das damas “brotam os ódios”; elas são “sementes de guerra”.

Esse homem de Igreja, que as julga, descobre na natureza feminina três vícios maiores. Em primeiro lugar, as mulheres, segundo ele, são levadas a desviar o curso das coisas, portanto, a opor-se às intenções divinas, usando práticas, no mais das vezes culinárias, das quais transmitem mutuamente os segredos. Todas sendo mais ou menos feiticeiras, as damas preparam entre si misturas suspeitas, a começar pelas maquiagens, os unguentos, as pastas depilatórias de que se servem, falseando suas aparências corporais para apresentar-se, enganadoras, diante dos homens. (GEOGES, DUBY, 2013. pág. 188)

A mulher sofreu por inúmeros processos de inquisição, com perseguições, atrelando suas práticas cotidianas aos moldes de um paganismo ainda inserido na sociedade, tidos como de uma bruxa, resultando em inúmeras torturas em troca de confissões, e a fogueira como pano de fundo de todo esse encaixo.

Joana D’Arc foi uma das maiores representantes femininas relacionadas à guerra e a figura da mulher associada à bruxa, em um cenário que questões de poder e religiosidade estavam ligadas por meio de um proveito mútuo de denegrir sua imagem, colocando à prova sua crença e seu comportamento. Joana é tida como um símbolo feminino que ganhou seu espaço, sendo conhecida mundialmente até os dias atuais.

3 JOANA D’ARC

Com a peste, fome e revoltas; a estrutura eclesiástica muda, trazendo uma nova roupagem para sua cristandade. Devido as grandes crises e mortes, ocorre um grande

misticismo populacional, fazendo com que as autoridades eclesiásticas criem decretos e medidas, a fim de manter certa liderança entre seus fiéis. Com a falta de controle sobre o que ocorria e o medo instaurado, a Igreja vê sua hegemonia ameaçada, tendo seus membros morrendo conforme os demais e taxando ações para uma possível salvação, colocando em suas práticas um desacordo com ideal evangélico.

Dentro de um cenário de medo, encontrava-se a Guerra dos Cem Anos, uma série de conflitos entre os governantes da Inglaterra e os governantes da França pela sucessão do trono francês, tendo em seu momento final uma jovem com nome de Joana d'Arc que se proclamava com uma missão divina de salvar Orléans e consagrar o delfim Carlos VII como rei da França.

Nesse cenário de transformações e conflitos, é que Joana nasce¹, em uma vila chamada Domrémy²; Lorena, na França do século XV. Por ser uma das personagens mais bem documentadas da história, historiadores conseguem obter fontes que relatam como foi à vida cotidiana, seu percurso durante a guerra e sua condenação.

Diferenciava-se das demais crianças, pela maneira em que ela tratava as pessoas e lidava com sua fé, sendo um fato marcante perante os olhos daqueles que conviviam com ela. Sua devoção era algo admirável e sua participação com o sagrado era incomum para uma criança. "Joana era de boa conduta, devota, paciente; gostava de ir à igreja e de confessar-se; dava esmolas aos pobres sempre que podia".³ (PERNOUD.1996.p.14)

Ainda pequena, teve suas primeiras visões. Talvez por intermédio delas que sua frequência à Igreja fosse tão assídua e seu comportamento com os demais era de extrema preocupação e amorosidade. Era uma criança com cotidiano comum, mas que trazia através da sutileza de suas ações uma particularidade das outras, que só mais a frente poderia ser compreendido. Em um momento de seu julgamento ela expõe esse contato com o sagrado desde pequena.

Joana relatou que na sua infância via luz para todos os lados. A voz lhe dava orientações. Falava para ir à igreja regularmente para se aproximar de Deus. Teve a visão do Arcanjo Miguel, que lhe disse para ser uma boa criança e assegurou que as vozes e visões eram coisas boas. Ele veio antes das duas santas e disse que deveria seguir o conselho delas. Suas companheiras eram a Santa Catarina de Alexandria e a Santa Margarida de Antioquia.(WIVIUKA, Eduardo. pág 49, 2017)

Joana tinha sua fé como principal foco, tendo preservado sua virgindade e sua relação com outros rapazes, que foi um fator que respaldou em diversos momentos sua santidade, pois se tinha a noção que o diabo não poderia fazer o pacto com uma donzela. "Joana era uma moça como as outras: capaz de inspirar amor, mas decidida quanto a si mesma a não se entregar a ninguém. O chamado que ela ouviu consagrou- a exclusivamente ao serviço de Deus." (PERNOUD,1996. P.24)

¹ Joana D'Arc nasceu em 6 de Janeiro de 1412

² Foi nesta cidade que nasceu Joana d'Arc. Inicialmente chamada Domrémy, o nome foi alterado para Domrémy-la-Pucelle em função do apelido de Joana, la pucelle d'Orléans (a donzela de Orléans)

³PERNOUD, Regine pág 14,1996 14

Provavelmente, suas ações quando nova contribuíram para formulação de sua imagem mais adiante, em uma sociedade em que atitudes ligadas ao sagrado tinham enorme preponderância. Sua simplicidade era algo comum pelos que viviam em Domrèmy, e seus ensinamentos era mais sobre a vida e como contribuir para um bom desenvolvimento da população e familiares. “Não aprendeu a ler nem a escrever, mas soube tudo o que sua mãe sabia das coisas santas. Recebeu sua religião não como uma lição, uma cerimônia, mas na forma popular e ingênua (...)” (MICHELET, 2007.p.36).

Seu primeiro contato com as vozes foi em 1424, mas só quatro anos depois que ela sai de casa para atender o chamado na qual havia se designado.⁴

De outra feita, ouviu de novo a voz, viu o clarão, mas nesse clarão viu nobres figuras, uma das quais tinha asas e parecia um sábio magistrado. Disse – lhe ele: “ Joana, vá em socorro do rei da França e devolva a ele o seu reino.” Ela respondeu, toda trêmula: “ Senhor, sou apenas uma pobre menina; não saberia cavalgar, nem comandar os soldados.” A voz replicou: “ Irás encontrar o senhor de Baudricourt, capitão de Vaucouleurs, e ele te conduzirá ao rei. Santa Catarina e santa Margarida virão em teu auxílio”. Joana ficou estupefata e desfeita em lágrimas, como se já anteviesse todo seu destino. (MICHELET pág 39\40, 2007)

Teve dificuldade perante sua família, que só soube de sua missão após sua decisão de partida, sem saber de suas visões anteriormente. Joana tinha dentro de si uma clareza em seu propósito, que nada a impediria de seguir com seu objetivo, nem mesmo seu pai; que chega a proferir que preferia afogá-la que ao vê-la partir com soldados. “As duas autoridades, paterna e celeste, ordenavam coisas contrárias. Uma queria que ela permanecesse na obscuridade, na modéstia e no trabalho; a outra que partisse e que salvasse o reino” (MICHELET, 2007.p. 40).

Dentre as marcas de seu julgamento, encontram-se acusações em relação as suas vestes e sua utilização da espada. O que ocorre, é que diante de um possível perigo em meio à guerra, e pelo fato de ser mulher, toma a decisão de vestir-se como um guerreiro a fim de ocultar suas formas femininas e também a assegurar “Joana vestiu as roupas masculinas, de forma a ocultar, ou ao menos atenuar, seu sexo. Era um mecanismo de defesa contra bandidos que poderiam ser encontrados durante a viagem.” (WIKIUNA, 2017.p.54).

Em tempos em que as guerras e invasões eram comuns, os cidadãos utilizavam de suas maneiras para sobreviver; trazendo muitas vezes a figura da mulher com armas e em meio às batalhas como instinto de sobrevivência. “Não era raro ver mulheres pegarem em armas. Elas combatiam amiúde durante os cercos (...). No tempo da Donzela e nos mesmos anos, as mulheres da Boêmia lutavam como os seus homens nas guerras dos hussitas⁵. (MICHELET, 2007.p.33)”.

Uma de suas marcas, além da utilização de seus trajes e do corte de cabelo, foi à utilização de um estandarte. Ele tinha uma representação maior que a espada que poderia

⁴ Wikiurna, 2017

⁵O termo hussita ou Igreja hussita e (ou talvez *ussiti*) define a um movimento reformador e revolucionário que surgiu na Boêmia, no século XV. O nome vem do teólogo boêmio Jan Hus (1372-1452). O movimento mais tarde se juntou a Reforma Protestante.

defendê-la, pois para Joana seu intuito nunca foi guerrear, mas sim auxiliar a tropa para a conquista da coroação de seu Delfim. A sua bandeira era um dos seus principais símbolos, como se através desse objeto sua ligação com o sagrado pudesse ser alcançado.

A finalidade da bandeira, todavia, era exclusivamente religiosa. Ela trazia “a imagem de Nosso Senhor crucificado” e, ao seu redor, “duas vezes ao dia, pela manhã e à tarde, Joana fazia com que se juntassem todos os padres e, uma vez reunidos, cantavam antífonas⁶ e hinos a Santa Maria, e Joana permanecia com eles. Ela não permitia que os soldados se aproximassem dos padres se eles não se confessassem, e ela exortava a todos a se confessarem para que pudessem participar da cerimônia”. Temos disso o testemunho de Jean Pasquerel, o Irmão Agostiniano, que reencontrou Joana em Tours. (PERNOUD, Regine. pág. 56\57, 1996)

Inicialmente, a visão que a população tinha de Joana, era de uma possível santa que veio com a missão de salvar a França de seus inimigos. Mas com decorrer das batalhas essa imagem fundiu-se com seu posicionamento destemido perante a guerra e os soldados que a acompanhava. De certo que a figura da jovem Joana, estava formada com estereótipos de uma guerreira. Era uma imagem que mesclava com a doçura e religiosidade; uma postura de um combatente, com vestes masculinas, se colocando à frente de um batalhão e dando ordens e liderando grandes grupos de homens.

Segundo relatos, Joana não lutou pessoalmente, mas esteve muito próximo dos locais de batalha dando apoio aos soldados e esteve presente nos conselhos de guerra juntamente com generais. Sua figura divina contribuía para que fosse ouvida dentro desses cercos. O fascínio da população por sua imagem arrastava multidões de homens, os encorajando e fortalecendo; o que até então sofria com a desesperança de uma vitória, fez com que a presença de Joana ressurgisse um sentimento de patriotismo e fé em seus corações.

Vieram recebê-la guerreiros, burgueses e burguesas de Orléans, carregando grande número de tochas e demonstrando tanta alegria como se tivessem visto Deus descer no meio deles; e não sem motivo, pois eles estavam vivendo incontáveis aborrecimentos, dificuldades e sofrimentos e tinham muito medo de não serem socorridos e perder tudo, a vida e os bens. Eles, porém, já se sentiam bastante reconfortados e como que libertos pela graça divina que se dizia estar naquela singela donzela que homens, mulheres e crianças contemplavam muito afetuosamente; era uma multidão maravilhosa, comprimida para toca-la, ou pelo menos para tocar o cavalo que ela montava (...). (PERNOUD, Regine.pág 64, 1996)⁷

⁶ Antífona - Versículo que o "chantre" (dignidade eclesiástica que, em uma sé ou em um colegiado tem a direção do coro) entoia, em todo ou em parte, antes de um Salmo ou um canto bíblico, e depois se repete em coro.

⁷ Esse texto, publicado por Jules Quicherat, bem como o dos dois processos de Joana, foram extraídos do *Journal du siege d'Orléans* (Jornal do cerco de Orléans) e compõe-se de notas do dia-a-dia, elaboradas, sem dúvida, por um padre de Orléans que viveu os acontecimentos. Ele traz indicações bastante exatas, principalmente sobre as origens de Joana.

Em Orleans, em 1429, tem sua primeira vitória sobre os ingleses. Em um lugar que já estava estabelecida a presença inglesa, foi crucial para reforçar sua imagem e encorajar seus soldados a permanecer a seu lado e continuar nas batalhas, tendo da multidão francesa mais ênfase em sua missão. “Com ingleses mortos e outros quarenta feitos prisioneiros. Mas isso elevou muito a moral francesa, espalhando a sensação de que Joana estava certa e que os ingleses seriam derrotados.” (WIVIURKA, 2017.p.65).

A Donzela buscava por diplomacia antes de ter que atacar, através de cartas enviadas aos ingleses pedia a retirada e não usava armas de maneira ofensiva, preferindo utilizar de seu estandarte e gritar encorajando seus homens durante as batalhas. Mesmo após sofrer um ataque, e seu exército recuar, Joana se coloca a frente da batalha reforçando sua imagem perante os soldados.

(...) Nessa ocasião, a tropa francesa assumiu uma atitude mais intimidadora ao ver Joana ferida de pé ordenando o ataque. Diante disso, os ingleses fugiram. Na manhã seguinte, os ingleses que ocupavam outros setores saíram de Orleans. Joana deu ordem para os franceses não atacassem durante a retirada dos inimigos. Após nove dias da chegada dela, o cerco a cidade havia acabado. Nessa ocasião ela ganhou o título de Donzela de Orleans. (WIVIURKA, Eduardo. pág. 66, 2017)

Chega a Reims, em 16 de julho de 1429, Carlos VII para sua coroação. Após vitórias dos franceses em cidades menores ocupadas pelos ingleses e tendo seu reforço na lealdade ao Delfim. Em um período curto após sua vitória em Orleans, Joana segue como o prometido e faz com que Carlos VII seja coroado rei da França.

Durante quinze dias, desde a coroação de Carlos VII, ocorreu uma trégua, devido os emissários do Duque de Borgonha. Durante essa trégua, Carlos VII, contrariando sua própria ordem de paz, leva seu exército para uma região de Paris, onde ocorre um enfrentamento entre os ingleses, Armagnacs e Borguinhões

O ataque a Paris durou um dia. Joana foi ferida durante a investida e o exército recuou. No dia seguinte, as tropas foram avisadas que Carlos havia cessado as hostilidades com o duque borgonhês e dispensou as tropas. Marcaram um encontro em Saint - Denis, local onde Joana deixou sua espada e armadura --- gesto de agradecimento típico de guerreiros feridos em batalha que conseguiram sobreviver e também um sinal que sua luta chegou ao fim. Esse gesto foi usado durante o julgamento de condenação. Conforme o promotor, Joana depositou objetos para serem adorados. (WIVIURKA, Eduardo.pág 69, 2017)

Após sua coroação, o Rei buscava por uma postura mais diplomática e equilibrar os interesses de seus apoiadores, na qual, Joana sentia apatia nas decisões de Carlos VII “Todos os ataques que ela queria fazer eram tolhidos pelo Rei, o que a fez desejar poder voltar para casa. A Virgem também esclareceu em seu julgamento que nesse período as vozes falaram menos com ela”. (WIVIURKA, 2017.p.70). Joana retoma sua missão militar e busca por libertar a cidade de Compiègne, onde acaba sendo capturada por Borguinhões e sendo vendida para os ingleses.

Após vencer batalhas marcantes, Joana é capturada pelos seus inimigos e transportada para cidade de Ruão. Trazia em suas palavras que Deus a enviara para salvar a

França, colocando assim um grande problema entre os ingleses e os borguinhões (aliados franceses dos ingleses), pois seu discurso dava a entender que Deus não estava a favor da Inglaterra, e sim estava ao seu lado para a vitória da França, fazendo com que seus inimigos tivessem além da preocupação na forma que ela conduzia as batalhas, como também nas palavras que proferia. Suas vozes e seus feitos estavam à prova a todo instante, pois pelas mãos de seus inimigos ela era tida como uma feiticeira e herege, fazendo com que fosse julgada pelo Tribunal da Inquisição.

Quando capturada e levada diante dos juízes, se condenada, todo o impacto que ela teve na Guerra dos Cem Anos poderia ser revisto. Seus feitos e influência seriam atribuídos às obras de feitiçaria e bruxaria, a coroação do Delfim seria desacreditada por ter sido promovida por uma herege, ficando claro que não era a vontade de Deus que os ingleses cessassem as hostilidades (WIVIURKA, Eduardo. pg.33. 2017)

Em janeiro de 1431 inicia-se o processo de acusação, sendo presidido pelo bispo Pedro Cauchon e pelo dominicano João Le Maitre, além de ser assistidos por abundante corpo de assessores. Seu julgamento foi muito mais que um mero tribunal com caráter espiritual, estava sendo colocadas questões políticas, nas quais a imagem da Inglaterra era o ponto central dessa discussão.

Foram inúmeros interrogatórios, que trazia certa constância, de maneira com que ela pudesse cair em contradição. Sendo que maior parte do corpo que compunha esses interrogatórios eram de parte inglesa.⁸

O processo de condenação de Joana d'Arc foi algo de muita dificuldade, devido à descontinuidade dos fatos e a intencionalidade dos inquisidores de passar de um assunto para o outro, buscando maneiras de deixar a acusada em uma situação que pudesse tirar proveito de algum erro ditado por ela. Os juízes faziam perguntas de maneira que a acusada pudesse cair em alguma contradição, não dando às vezes nem tempo para que Joana pudesse compreender o conteúdo. Mudavam muitas vezes de um assunto para outro, alternavam o método de interrogação, mas mesmo com todas essas alternâncias, ela respondia com prudência, trazendo detalhes e mostrando que tal assunto já havia sido respondido. Nota-se a natureza tendenciosa e fraudulenta de seu processo. Como diz Pernoud (1996):

[...] Pierre Cauchon pediu a Joana que prestasse juramento e enfatizou: “Nós a proibimos de deixar a prisão que lhe é destinada no castelo de Rouen sem nossa permissão, a menos que esteja convencida do crime de heresia”.

Joana respondeu com presteza: “Não aceito essa colocação. Se eu escapar, jamais alguém poderá censurar-me de haver transgredido ou violado minha fé”.

Essa resposta foi como que colocar repentinamente, o “dedo na ferida”, pois Joana passou a ser tratada como prisioneira de guerra, trancada em prisão inglesa e vigiada por carcereiros ingleses. Pierre Cauchon pretendia mover contra ela um processo por crime de heresia, como eram normalmente os processos da

⁸ Entre 21 de fevereiro de 1431 e 17 de março de 1431 os religiosos interrogaram-na diariamente, extraindo detalhes mínimos que pudessem incriminá-la. De 17 a 27 de março de 1431 foram lidos e revistos os itens da acusação. Entre 23 e 29 de maio de 1431 foi proferida a sentença, condenando-a. Joana foi queimada em praça pública. (Cerini, Fabrício, 2010)

Inquisição. As mulheres intimadas pela Inquisição eram, no entanto, encarceradas nas prisões das dioceses e arquidioceses e guardadas por outras mulheres. No processo contra Joana houve, portanto, uma fraude manifesta, e as intenções de Cauchon e dos demais universitários estavam bem definidas: minimizar o fato de as vitórias terem colocado em perigo a ideologia instaurada por eles para dar ênfase à legalidade das duas coroas que ostentaria o rei da Inglaterra, estendendo seu poder não somente sobre seu próprio reino, mas também sobre o que ele acreditava ter conquistado. (PERNOUD, Regine. pg 126. 1996)

Mesmo após sua prisão, a população ainda exercia grande fascínio sobre ela, a mesma mulher que dissera que suas vozes provinham em favor de seu povo, sendo subtendido que a vida espiritual e Deus estavam contra os inimigos ingleses. Tê-la como bruxa, seria uma forma de demonstrar que a missão na qual se colocara não era divina e seus dizeres não condiziam com a verdade.

Joana passou por mais de nove audiências, já nas primeiras ela foi questionada sobre suas “Vozes”, suas vestes masculinas e o uso do seu estandarte. Joana se defendia sozinha das acusações, trazendo sempre em suas falas que seus posicionamentos eram obras de Deus, colocando os nomes de Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel como seus enviados nessa missão, cujas “Vozes” eram encarregadas de ordenar sua trajetória.

Joana sofreu duras ameaças e torturas, a fim de persuadi-la fazendo com que mudasse o rumo de seu discurso. No mês de maio, a tortura é dispensada, devido já terem provas o suficiente. Suas aparições são consideradas sugeridas pelo demônio, sendo ela uma pessoa presunçosa e blasfematória, trazendo uma ênfase o fato de ela ter guerreado, ter cortado os cabelos e utilizado de vestes masculinas; retratando-se para que não fosse julgada a pena de morte.

Em um cenário em que já se encontrava sem forças, diante dos maus tratos; apavorada e nas expectativas que seria queimada viva, assinou com uma cruz sua declaração de arrependimento, mas após, ela tem as suas roupas misteriosamente desaparecidas forçando-a utilizar das antigas vestimentas masculinas. “Estava consumado: Cauchon reuniu os assessores, contando-lhes que Joana havia voltado a usar vestes masculinas, gesto de sua insubmissão à Igreja, e instando-os a deliberarem sobre o procedimento a tomar diante desse ato de desobediência.”

(PERNOUD, 1996.p.151)

Embora a História desconheça as razões, o certo é que Joana retomou as vestes masculinas a partir de 27 de maio. Cauchon foi informado disso e, sem perder um instante, foi, na manhã seguinte, à prisão, acompanhado de alguns assessores: "Nós a interrogamos (isso está registrado no processo) para saber por que ela havia retomado vestes masculinas: 'Foi por minha própria vontade, e eu as vesti porque as julguei mais apropriadas e convenientes, já que estou entre homens. Eu as retomei porque o que me haviam prometido não foi cumprido, isto é, que eu iria à missa, receberia a Sagrada Comunhão e ficaria liberta dos ferros". (PERNOUD, Regine. pg 148. 1996)

Após uma breve pausa sem a atuação das “Vozes”, Joana revela que voltam as suas manifestações. Mesmo após ter assinado sua abjuração, negando-as devido ao medo em que

estava de ser queimada, retoma a afirmar sobre aquilo que ela vinha propagando. “Ao final do intervalo de 05 a 18 de maio, a Universidade de Paris apresentou sua decisão relativa aos “doze artigos”: Joana foi considerada culpada por unanimidade. Deveria renunciar a seus erros e arrepender-se. (...)” (CERINI, 2010.p.70)

No dia 19 de maio de 1431, uma corte de cinquenta juízes condena Joana pelos crimes de heresia, bruxaria e pelos outros que estavam em seu artigo. Os ingleses tinham pressa em conduzir sua pena, e no dia 30 de maio de 1431 teve sua vida consumida por uma fogueira na praça central de Ruão, às oito da manhã após a leitura de sua sentença para a população.

Conforme texto extraído de Fabrício Reinaldo Cerini, em seu artigo “*Julgamento e Processo de Condenação de Joana D’Arc: Teologia e Poder*”⁹ pode-se verificar como Joana D’Arc foi julgada como herege e bruxa, mostrando como a Inquisição atribuía qualquer critério em favor de seus interesses.

Com a finalidade de chegar ao veredicto, o reitor da Universidade de Paris, Pierre de Gonda ouviu as conclusões de duas Faculdades: a de “Teologia” e a dos Decretos:

[...] Jean de Troyes expõe primeiro as da Faculdade de Teologia, analisando um a um os doze quesitos:

I — As aparições: tendo em conta as circunstâncias e a pessoa de Joana, elas parecem falsas, errôneas e perniciosas ou, se tiveram lugar, são supersticiosas e procedentes de espíritos malignos: Béliar, Satanás e Béhémot...

II — O sinal do rei: mentira insolente imaginada para seduzir.

III — As visitas das santas: crença temerária.

IV — As revelações: superstição, asserção divinatória, fanfarronada ridícula.

V — O traje de homem: fanfarronada ridícula, suspeita de idolatria, prevaricação da lei divina.

VI — As cartas: revelam uma mulher traidora, pérfida, cruel, ávida de sangue humano, blasfemadora,...

VII — A partida para Chinon: impiedade para com os pais, escândalo, blasfêmia...

VIII — O salto de Beaurevoir: medo que ia até à desesperada tentativa de suicídio, asserção temerária e presunçosa a respeito do perdão das suas faltas, erro em matéria de livre arbítrio.

IX — Confiança de Joana: presunção, mentira, erro de fé.

X — As declarações das santas e a sua recusa em falar inglês: blasfêmia e transgressão do amor do próximo.

XI — Honras prestadas às santas: idolatria, invocação dos demônios.

XII — Recusa de se submeter à Igreja: apostasia, erro de fé, cisma...

É agora a vez de Guérout de Boissel apresentar as conclusões da sua Faculdade, a dos Decretos. Estão resumidas em seis pontos:

I — Essa mulher é cismática por ter desobedecido à Igreja.

II — É ignorante e herética por recusar o símbolo da Igreja Una Santa e Católica.

III — É apóstata por ter mandado cortar o cabelo e ter adotado vestes de homem.

IV — É mentirosa e adivinha porque não apresenta prova de que é enviada de Deus.

⁹ Revista Científica das Faculdades Integradas de Ijaú, 2010

V — É “veementemente” suspeita de heresia.

VI — Erra na fé por ter dito estar certa de ser conduzida ao paraíso.

Após a sua morte na fogueira, os ingleses atiram suas cinzas no Rio Sena, a fim de sumir com suas cinzas. Sua imagem foi fortemente lembrada na Revolução Francesa.

Em 1869, o bispo de Orléans, Félix Dupanloup, deu início às gestões para obter a sua canonização. Na década de 90, Leão XIII abriu uma investigação nesse sentido. Em 1909, Joana foi beatificada (Pio X) e, em 1920, canonizada (Bento XV).

4 Conclusão

O seguinte trabalho tem como objetivo trazer uma reflexão acerca das questões ligadas a construção de um poder que se estabelecia na Idade Média Ocidental, sobre forte influência na sociedade, conduzindo sua religiosidade e a forma em que se relacionavam.

Vemos neste recorte historiográfico, como a Igreja construiu um novo modelo sobre a figura feminina, dentro de um âmbito de forte religiosidade popular, na qual, o misticismo estava inserido e formaliza novos aspectos sobre a mulher, condenando-a por seus costumes e suas crenças.

Falar sobre Joana D’arc nos mostra como uma jovem camponesa de apenas 19 anos, que esteve ao lado de homens fortemente armados, usando vestes masculinas, se colocando de forma impositiva perante seus representantes; modifica o estereotipo feminino criado dentro de seu tempo.

Seu posicionamento sobre as pessoas desde muito nova até sua missão contribuiu para trazer vigor ao seu discurso; e a forma que conduziu sua devoção perante os homens que combatiam e a população que a cercava, por vezes fugindo da compreensão do real, reforçou a sua santificação.

A imagética construída aos olhos do povo era o temor dos ingleses, pois suas falas carregadas de fé trazia um discurso de vitória para a França, colocando a Inglaterra em uma posição delicada, deslegitimando o lado dos ingleses. Em um contexto em que guerra e religiosidade estavam inseridas, ações atribuídas aos valores santos, tinham grande impacto social.

Seu julgamento foi uma briga de egos e medos entre a Igreja e a Aristocracia, onde não se permitia qualquer ação que pudesse sujar a imagem de ambos os lados. A coroação de Carlos VII, as “Vozes” que proclamavam pela França e a jovem que arrastou multidões para vitória, fortalecia o ódio dos ingleses perante Joana D’arc.

O orgulho, o poder e os interesses, subjugaram a fé, sentenciando Joana, que de heroína e santa aos olhos da população, foi condenada como herege e bruxa.

A Donzela de Orleans; foi à figura da mulher além do seu tempo, das suas tradições; que impulsionada pelas suas convicções conquistou devotos e venceu batalhas.

Mas o que fez de Joana ser uma jovem guerreira? Atrevo-me a dizer, que foram os Tempos de Guerra; cuja fome, a falta de esperança, a luta dos mais fracos e os mais fortes, a chama da fé, a devoção por dias melhores e a vontade de pertencimento por uma identidade territorial, um nacionalismo ainda não reconhecido; que fez com que Joana D'Arc fosse uma das maiores guerreiras da Idade Média.

Referências

BASCHET, Jerônimo. **A Civilização Feudal – do ano mil à colonização da América**. Pref. De Jacques Le Goff. Ed, Globo, 2006.

CALAINHO, Daniela . **História Medieval do Ocidente**. Ed Vozes, 2014

CERINI, Fabrício. **Julgamento e Processo de Condenação de Joana D'Arc: Teologia e Poder** . Revista Científica das Faculdades Integradas de Ijaú, 2010.

DUBY, Georges . **As Três Ordens ou o imaginário do Feudalismo**. Ed, Título original: *Les Trois Ordres ou l'Imaginaire du Feodalisme* Tradução: Maria Helena Costa Dias Editorial Estampa, 1994

DUBY, Georges. **A Idade Média na França (987-1460): de Hugo Capeto a Joana d'Arc**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.

FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. Ed, Perspectiva, 2005. Coleção Khronos – Vol.9

FRANCO, Hilário. **A Idade Média – O Nascimento do Ocidente**. Ed, Brasiliense, 1986.

GONZAGA, João Bernardino. **A inquisição em seu mundo**. Ed, Saraiva 4ª edição, 1993

HERCULANO, Alexandre. **História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal**. Fonte Digital -Biblioteca Nacional Digital, 2009

JOSÉ D'ASSUNÇÃO, Barros. **Papas, Imperadores e Hereges na Idade Média**.. Ed, Vozes, 2012.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Tradução de Monica Stahel.- Petrópolis, RJ:Vozes, 2016. Título original: *La civilisation de l'Occident medieval*.

LIEBEL, SILVIA. **DEMONIZAÇÃO DA MULHER - A construção do discurso misógino no *Malleus Maleficarum***. Curitiba, 2004. Disponível em: < http://www.historia.ufpr.br/monografias/2003/silvia_liebel.pdf > Acesso em: 20 Maio.2018

MICHELET, Jules. **Joana D'Arc**. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário/Polis, 1995..

NAVARRO, André. **A CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO (identidade corporal) MEDIEVAL MEDIADO PELA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA**. III Congresso Internacional de Ética e Cidadania, 2007, São Paulo. Publicada sob o ISBN978-85-99019-08-5,2007. Disponível em: < <https://slidex.tips/download/a-construao-do-corpo-feminino-identidade-corporal-medieval-mediado-pela-experien> > Acesso em: 9.Agost.2018

NUNES, Wanessa. **PROCESSO INQUISITORIAL DE JOANA D'ARC: CONFLITOS POLITICOS E RELIGIOSOS**. Brasília, 2015. Disponível em: < https://www.academia.edu/22608643/PROCESSO_INQUISITORIAL_DE_JOANA_DARC_CONFLITOS_POLITICOS_E_RELIGIOSOS > Acesso em: 15 Julho.2018

WIVIURKA, Eduardo. **Joana D'Arc – Julgamentos e a Relação entre Estado e Igreja na Idade Média**. Ed Juruá, 2017.

KRAMER, Heinrich, SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum: O Martelo das Feiticeiras**. 1430 - 1505. Tradução: Paulo Fróes. 28ªed. Ed. Record LTDA. Rio de Janeiro.2017

PERNOUD, Régine. **Joana D'Arc, a mulher forte**. Tradução Jairo Veloso Vargas J. - São Paulo: Paulinas,1996.

.PERNOUD, Régine. **Luz Sobre a Idade Média**. Ed. Europa – América PT, 1997

TARDIN, Elaine e BARRETO, Luís. **MULHERES GUERREIRAS: ENTRE A HISTÓRIA E A MITOLOGIA**. Revista Transformar. 10º ED.RJ,2017. Disponível em: < <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/94>> Acesso em: 6 Agosto.2018